



## EM ÉPOCAS DE DIASBOLAS E DIASNÚMEROS: UM ESTUDO SOBRE OLÍMPICOS/AS MATEMÁTICOS/AS EM DIÁSPORAS

Gicele Sucupira<sup>1</sup>

Números e bolas se aproximam nas falas dos meninos. Não só nas daqueles que levam a camisa da seleção brasileira de futebol como talismã para realizar as provas<sup>2</sup> ou daqueles que costumam fazer a prova no *chute*<sup>3</sup>, como, principalmente, dos que justificam sua participação nas Olimpíadas vendo na Matemática ou nas Engenharias uma das possibilidades de carreira, incluindo nestas também o futebol, muitas vezes, como a primeira opção. Opção que não está distante das encontradas por Arlei Damo (2007) em uma pesquisa com estudantes de escolas públicas e privadas de Porto Alegre, onde ser jogador de futebol figurava entre as três profissões mais escolhidas como futuras profissões pelos meninos, ao lado de advogado e engenheiro.

Entre os participantes das Olimpíadas, assim como os frequentadores das escolhinhas de futebol pesquisados pelo autor, havia uma grande preocupação com a carreira profissional. Num dia de Olimpíada, por exemplo, um dos olímpicos me explicava por que participava da competição: “*Eu pensei: se não conseguir ir bem no esporte, vou tentar outra coisa, como estudar matemática*”. Foi *exatamente* o que fez, e dessa forma “*se deu bem em matemática*”. Entre os jogos com bolas, não estava apenas o Futebol para esses meninos: “*quero jogar tênis e, se não der certo, farei algum curso relacionado com matemática, assim deixo garantido*”; disse outro olímpico. A preocupação com a profissão fazia com que esses meninos traçassem várias possibilidades de carreira, o que pode estar próximo a valores de homem enquanto provedor.

A questão que discuto, no entanto, é o fato dessa preocupação não ser apenas dos meninos, como também da própria família. Tal qual no futebol, onde a carreira do jogador de futebol muitas vezes se insere num projeto familiar (Arlei, 2007, Rial, 2003), na medida em que é indispensável um investimento econômico que o libere do trabalho remunerado, sendo os caçulas (Rial, 2003) os ‘privilegiados’, nas Olimpíadas de Matemática as famílias reorganizam suas rotinas, seus orçamentos, na compra de materiais e passagens, no pagamento novos cursos ou apenas no ir e

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós- Graduação em Antropologia Social/UFRGS.

<sup>2</sup> “Supersticioso, levará para a Inglaterra um talismã: uma camisa da Seleção, que o acompanha em campeonatos desde 1999. ‘Eu ia mal numa olimpíada na Argentina e foi só colocar a camisa da Seleção Brasileira para a sorte mudar’, diz. ‘Já mandei bordar a quinta estrela do penta.’ Completam o time o cearense Thiago Sobral e o paulistano Guilherme Fujiwara.”

<sup>3</sup> Sobre essa questão ver SUCUPIRA, Gicele. Chutando Número e Bolas. Mosaico Social. UFSC. 2009.



buscar e na espera por horas seus filhos durante uma prova. Ou seja, essas famílias investem de inúmeras maneiras para a participação de seus filhos. Esses investimentos nada mais do que evidenciam que a busca pelo talento dos filhos, suas habilidades parecem integrar o projeto (Velho, 1994) de vida familiar, escolar, que se expressam num cotidiano imerso de atividades, “investimentos” e planejamento para o futuro que não deixa de dialogar fortemente com uma noção de desenvolvimento humano e do tipo de adulto que se pretende desenvolver, como lembra Hilary Levey (2009).

A preocupação com um ensino melhor, por exemplo, demonstra como as crianças estão sendo inseridas em “uma estratégia familiar de ascensão socioeconômica a longo-termo”, características apontada como própria da classe média, segundo Claudia Fonseca (1995). A autora ainda reforça que, para esse grupo, às crianças tende-se atribuir “uma serie de fases de desenvolvimento emocional e intelectual que exigem, cada uma, cuidados especialmente adaptados e ministrados por adultos específicos”, ancorados na psicologia e na pedagogia, cujo papel da escola e da família são fundamentais.

No entanto, enquanto há aqueles que passam horas esperando por seus filhos em um banco da escola, em seus carros, há aqueles que vêem empecilhos na possibilidade do/a filho/a ir até a universidade para os treinamentos, a cursos e atividades extra-classe. Dentre esses acredito é possível que estejam um grande número de meninas.

Durante o tempo<sup>4</sup> que observei os treinamentos para as Olimpíadas de Matemática em Florianópolis, as poucas meninas que apareciam chegavam acompanhadas de familiares que as levavam até a porta da sala de aula. Já os meninos, via-os constantemente sozinhos dentro e fora do prédio das salas de aulas, perambulando pela Universidade. Alguns ao encontro de algum familiar que trabalhava na própria universidade, outros a espera de familiares na parada de ônibus. O comentário de duas estudantes de matemática resumiu o que já se salientava em algumas das minhas observações: “*Os meninos tem uma liberdade antecipada. Os pais deixam vir com 12 anos para a federal sozinhos ou com coleguinhas*”, comentou a bolsista. “*Há uma menina que também tem aproximadamente 12 anos e a mãe pergunta quem é a bolsista que vai dar treinamento, fala com ela, pergunta se vai ter recreio e diz que volta para buscar as 17hrs na sala do PET. Meu deus!*”, lembrou outra.

Situação que lembra a observação de Clarice Cohn (2000a) sobre as crianças xikrin: “Os meninos têm maior liberdade de movimentação do que as meninas, e desde cedo se reúnem para

---

<sup>4</sup> De fevereiro a outubro de 2008.



realizar pequenas caçadas nos arredores da aldeia ou para fazer expedições nas capoeiras ou nas roças próximas.” (COHN, 2000a: 7)

A possibilidade da maior liberdade de movimentação entre os meninos, me faz perguntar se não teriam as meninas menos possibilidades de circulação, ou melhor, um campo de possibilidades (Velho,1994) que orientaria seus circuitos (Magnani, 1998), o que tornaria treinamentos e competições como pedaços (Magnani,1998) para os meninos, já que a própria possibilidade de circulação de meninos e meninas dentro da própria escola, da cidade, muitas vezes, é diferenciada. Entre os olímpica/os, a diferença estava, muitas vezes, no simples fato de ir até o banheiro. “*Meninas, sozinhas não*”, alertou a professora. Enquanto aos meninos era apenas indicado o caminho e estes o seguiam sozinhos. Apesar da cautela com determinados lugares, como a rua (Zaluar,1996) ter estado muito presente na socialização das mulheres, não sei até que ponto essa questão pode influenciar a presença/ausência da meninas nos treinamentos e nas olimpíadas, porém acredito que ela pode dizer algo sobre a possibilidade de acesso das meninas as competições como também da sua circulação (Motta-Maués, 2004).

É importante levar em conta que para realização desses projetos familiares há uma freqüente circulação de jovens dentro e fora da parentela, no momento em que estudantes vão morar com avós ou tias em São Paulo, Brasília, Rio de Janeiro e outras capitais e até mesmo viver em outros países como os Estados Unidos e França, como a Escola Politécnica de Paris, Instituto Militar de Virginia ou Instituto Tecnológico de Massachusetts, em busca de uma formação melhor como é o caso de Henrique:

A mudança em breve para os Estados Unidos não o deixa tão inseguro. “Claro que vou sentir bastante falta da minha família, mas, como já tinha passado por uma etapa intermediária, acho que vou me acostumar bem”, diz ao se referir a sua mudança de Salvador, onde nasceu, para São Paulo em 2008. “Acabei mudando para São Paulo para fazer o último ano do ensino médio, porque teria mais oportunidade para treinar e me preparar para as olimpíadas”, conta.<sup>5</sup>

O curioso é questionar como meninas e meninos estão circulando.

### *A Olimpíada de Matemática: o pedaço dos meninos?*

“Considerada pela Unesco a competição mais importante da área, a IMO contou, em 2009, com a participação de mais de 100 países. Participaram jovens com idade entre 14 e 19 anos, considerados os mais **talentosos** do mundo no assunto.”<sup>6</sup> Para participar da Olimpíada

---

**5 G1. Estudante brasileiro ganha ouro em olimpíada internacional de Matemática. 24/07/2009 .Acesso disponível: <http://g1.globo.com>**

<sup>6</sup> Revista Época. Edição 217 - 15/07/02



Internacional de Matemática (IMO), cada país encaminha um líder de grupo, um líder da delegação e 6 estudantes que competem individualmente. Para selecionar esses estudantes, atualmente, cada país participante da IMO conta com Olimpíadas nacionais, e alguns também criaram Olimpíadas nas províncias e cidades (SILVA, 2004).

Desde 1979, ano em que o Brasil estreia na Olimpíada Internacional de Matemática(IMO) após criar sua própria Olimpíada (OBM), ao ano de 2009, as mulheres participaram seis (6) vezes representando o Brasil nos anos de 1983, 1988, 1992, 1998 e 2002 e 2003, sendo apenas nesses dois anos uma delas foi premiada – prata e menção honrosa <sup>7</sup>. Isto é, em 2002 foi a primeira vez que uma mulher brasileira foi premiada nessa competição. Seis também é o número de estudantes que o Brasil pode levar por ano de competições, isso quer dizer que já foram de 1979 a 2009 cento e oitenta estudantes (180), o que resulta em 1,6% de mulheres participando da competição, ou seja, se movimentando em competições e países. Essa porcentagem deve ser analisada em conjunto com a média de meninas premiadas na Olimpíada Brasileira de Matemática que alcançou 7% nos anos de 1979 a 2007 e vinculada ao fato de que aos estudantes premiados são oferecidas bolsas de estudos em diversas universidade nacionais e internacionais.

Muitas vezes se trava uma verdadeira disputa por esses estudantes, apesar da mensagem divulgada no endereço eletrônico da IMO atentar para o fato de que “mesmo que os países comparem os seus pontos, há apenas prêmios individuais: medalhas e menções honrosas<sup>8</sup>”. Escolas, cidades, estados e países, como o Brasil, celebram sempre as medalhas recebidas por estudantes e até os vêem como quem irá ‘defender’ <sup>9</sup>.

### **Diasbolos e Diasnúmeros : o movimento dos talentosos**

Os livros nos contam que, em tempos mais antigos, matemáticos desafiavam uns aos outros propondo questões complicadas e por muitas vezes se reuniam em praça pública para a realização de torneios, onde teriam que resolver equações difíceis. O que nasceu talvez por um capricho do ego destas pessoas tomou forma mais salutar com a realização da 1ª Olimpíada de Matemática, na Hungria em 1896. De lá pra cá, as competições de matemática entre estudantes vêm a cada dia se organizando e se mostrando um forte indicador para descobrir **novos talentos para a ciência.**<sup>10</sup>

---

<sup>7</sup> 1998 -Daniele Veras de Andrade, 1992 - Fátima Luciana da Rocha, 1988 - Maria Célia Paiva de Freitas, 1983 -Leda Braga e 2002/2003Larissa Cavalcante Queiroz de Lima(prata/menção honrosa).

<sup>8</sup>“Though countries naturally compare each other's scores, only individual prizes, namely medals and honorable mentions, are awarded on the IMO” Informações encontradas em : [www.imomath.com](http://www.imomath.com)

<sup>9</sup> “Seis jovens viajam para a Inglaterra para defender o Brasil na principal olimpíada de matemática do mundo” Revista Época. Edição 217 - 15/07/02

<sup>10</sup> (Carneiro, 2005 : 3)



É justamente pelo “talento” que os deslocamentos feitos dos jogadores de futebol - os “*pés de obra*”<sup>11</sup>, e da/os estudantes olímpicos - futuros cientistas, ambos tidos como mão de obras especializadas se aproximam:

“Como ocorre com outras migrações, e ao contrário do que mostra o senso comum, também a de jogadores de futebol envolve indivíduos com **capacidades acima da média**, no caso, **talentos** futebolísticos comprovados. Categorizo esta emigração como sendo de *especialistas* colocando-a como a parte da emigração *laboral não especializada* – maior contingente de emigrantes do Brasil hoje – pois ainda que o fator econômico seja decisivo como motivação para a emigração, os depoimentos mostram que há distinções grandes entre o que estou chamando de emigração de *especialistas* e a emigração *laboral não-especializada* de camadas médias e de baixa renda.”<sup>12</sup>

A partir de uma pesquisa realizada com estudantes que migram para os Estados Unidos e países da Europa feita por Adrian Favell e Michael (2006), é possível dizer que a mobilidade desses estudantes é diferente das migrações comumente pesquisadas, que se voltam a populações tidas como desprivilegiadas ou a grupos étnicos, sem diferenciar profissões entre outros aspectos. Os mecanismos de entrada, as oportunidades de incorporação de fato não costumam ser os mesmos, e esse tipo de mobilidade pode ser enquadrada em outras políticas como econômica e, principalmente, a científica, em que o melhor e mais brilhante estudante é selecionado – o que a caracteriza como uma migração seletiva. Os autores ainda propõem pensar a circulação de cérebro e não *fuga de cérebro*, já que o movimento de migração nem sempre pára e muita/os estudantes, assim como os jogadores de futebol retornam a seus países.

Segundo Carmem Rial (2008), os estudos sobre emigração especializada tem mostrado que “são escolhidos os indivíduos considerados mais capazes pelo grupo para tentar a aventura da migração.”<sup>13</sup> Os olheiros, no caso das Olimpíadas, são o/as próprio/as professora/es:

“Esses **talentos** foram **identificados** graças ao incentivo de uma rede silenciosa de professores, que se espalha por vários Estados do país. Os mestres estimulam os **alunos mais aplicados** a participar das competições regionais promovidas pela Sociedade Brasileira de Matemática. Em 2001, 80 mil adolescentes disputaram a olimpíada nacional. Muitos dos que se **destacam** passam a receber listas de exercícios e treinamento especial. Curiosamente, quatro dos representantes brasileiros vivem na capital do Ceará. Isso se explica por um cuidado especial das escolas daquele Estado. Em Fortaleza, proezas nesses torneios são **motivo especial de orgulho para as escolas**, que dão aos alunos premiados bolsas de estudo e recompensas em dinheiro.”<sup>14</sup>

A discussão sobre os talentosos, sua identificação, caracterização e atendimento é feita num diálogo nacional e internacional de planos, convenções e declarações, muitas destas firmadas com o apoio da UNESCO, em que o talento e a inteligência são valorizados como recursos humanos importantes para o desenvolvimento das nações, principalmente, para o desenvolvimento científico

<sup>11</sup> (Damo, 2005)

<sup>12</sup> RIAL, Carmem. Antropologia em Primeira Mão. 2003.

<sup>13</sup> (Rial, 2008: 35)

<sup>14</sup> <http://www.fapex.org.br/noticias/Noticia.aspx?id=545>



e tecnológico<sup>15</sup> – um possível contradom<sup>16</sup>. Em meio a políticas de países como Portugal que tentam evitar a ‘fuga de cérebros’ por meio de incentivos à ciência, o Brasil investe na identificação de recursos humanos:

As demandas internacionais dos países desenvolvidos arrastam o Brasil para um processo de globalização. O grande potencial que a população brasileira traz, ainda em processo nato, de superdotação e talento, será para o **mercado internacional de valor imensurável**. Quando se esgotarem todas as técnicas e mecanismos usuais competitivos, quando, materialmente, os países já não dispuserem dos mesmos recursos de hoje para a sustentação do poder, novos caminhos estarão compondo o perfil do mercado. A superdotação e talento deverão estar sendo explorados cada vez mais, em grande escala, por todos os continentes e em todos os níveis, porque essas vertentes são **fatores natos na humanidade** e só elas serão capazes e terão condições de autorregular o sistema de relação do homem com o planeta. É preciso que o país comece a trabalhar seus recursos humanos, definindo políticas e promovendo a formação de uma geração que irá sustentar todo o desenvolvimento de uma nova cultura, educação, ciência, tecnologia e **recursos humanos**.<sup>17</sup>

Atualmente, a identificação e busca por talentos são objetivos partilhados pelos programas de atendimento a estudantes superdotados e as Olimpíadas de Ciências, como as Olimpíadas de Matemática. As crianças e adolescentes superdotada/os são tratada/os como pessoas com necessidades especiais desde década de 1970 no Brasil e assim como aos deficientes passou a ser previsto um tratamento especializado. A discussão da superdotação, no entanto, teve um grande impulso nos últimos anos no Brasil com a criação do Conselho Brasileiro para a Superdotação (Consbrad) em 2003 e dos Núcleos de Atendimento a Altas Habilidades/Superdotação (NAS) pelo MEC no ano (2008) que pretende identificar inúmeros talentosos como futebolistas e matemática/os.

Uma pergunta há de se fazer: se os escolhidos são os mais capazes, seriam as meninas menos capazes para a matemática?

### *Matemática e Futebol*

Os cartazes da Olimpíada Brasileira de Matemática para Escolas Públicas que encontrei nas paredes das escolas esse ano de 2010 evidenciaram a proximidade desta com o futebol, pois estes estão fortemente permeado por um forte *ethos* masculino (Bateson, 2006) vinculado a rapidez, força e a competição, o que ainda o faz um *pedaço* ainda fortemente freqüentado por meninos, ainda que aos poucos comece a ser invadido pelas meninas que querem ser ‘matemáticas’ e ‘jogadoras de futebol’ ou apenas participar das competições.

Comparando o fenômeno Diasbola, a migração e a diáspora entre jogadores de futebol que faz parte de uma formação chamada “rodar”, com as Olimpíadas de Ciências, principalmente, as

---

<sup>15</sup> (Mettrau, 2000)

<sup>16</sup> (Damo, 2005)

<sup>17</sup> (BRASIL, 1999, v. 1, p. 13)



Olimpíadas de Matemática, pretendi mostrar como as olimpíadas se inserem, muitas vezes, num projeto familiar que tem como prioridade a formação e a carreira profissional de jovens e crianças, em sua maioria meninos. Para pensar como essas profissões estavam para esses meninos de modo diferente que para as meninas, evoco a noção de projeto e campo de possibilidades que Gilberto Velho (1994) traçou para estudar a trajetória dos indivíduos. Entendo que essas profissões enquanto projetos individuais e , por vezes, familiares, principalmente no caso nos meninos, interagem dentro de um campo de possibilidades delineado histórica e culturalmente, ou seja, em um campo onde há outros projetos esperados para esta/es sujeita/os. Nesse sentido, esse campo afetaria, com suas limitações e constrangimentos, a possibilidade de executar e até mesmo cogitar profissões nas áreas “duras” entre as meninas, por exemplo.

### *Bibliografia*

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Programa de capacitação de recursos humanos do ensino fundamental: superdotação e talento*. Brasília, DF, 1999. 2 v. (Série Atualidades Pedagógicas; 7).
- COHN, Clarice. “Crescendo como um Xikrin: uma análise da infância e do desenvolvimento infantil entre os Kayapó-Xikrin do Bacajá”. In: **Revista de Antropologia**. São Paulo, v. 43, n. 2, 2000.
- DAMO, Arlei. 2005. *Do Dom à Profissão - uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Tese de Doutorado, UFRGS.
- LEVEY, Hilary Pageant Princesses and Math Whizzes: Understanding children's activities as a form of children's work . **Childhood**. 2009 16: 195-212.
- MAGNANI, J.G.C. *Festa no pedaço*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- METTRAU, M. B. (Org.). *Inteligência: patrimônio social*. Rio de Janeiro: Dunya, 2000.
- MOTTA-MAUÉS, M. A. . Na casa da mãe/ na casa do pai: anotações (de uma antropóloga & avó) em torno da circulação de crianças. *Revista de Antropologia (São Paulo)* <sup>JCR</sup>, São Paulo, v. 47, n. 2, p. 427-452, 2004.
- RIAL, Carmem. *Rodar: a circulação dos jogadores de futebol Brasileiros no exterior*. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 21-65, jul./dez. 2008
- SMITH, Michael Peter. FAVELL, Adrian. *The Human Face of Global Mobility*. Transaction Publishers, 2006.
- VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose. Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar. 1994
- ZALUAR, A. M. . **Condomínio do Diabo**. Editora da UFRJ e Editora Revan, 1996